AVTO

DOS PASTORES BRVTOS

para ſe repreſẽtar nas Matinas do Natal.

Eſcreveu-o

SANT'IAGO PREZADO

Segunda Impreſſaõ

LISBOA: Ano de 1926

AVTO
DOS PASTORES
BRVTOS

AVTO

DOS PASTORES BRVTOS

para ſe repreſẽtar nas Matinas do Natal.

Eſcreveu-o

SANT'IAGO PREZADO

Segunda Impreſſaõ

LISBOA: Ano de 1926

No christianismo catholico o genio poetico pertence exclusivamente ao povo rude, que inventou as grandes legendas que o tornaram universal.

TEÓFILO BRAGA.

OS AVTOS do PRE-
fépio, de longa data com-
poftos e por maõs amigas
divulgados em cópias, foram já por
diferentes vezes anunciados ao Pú-
blico, há mais de dez anos a esta
parte.

O Autor, diante das dificuldades
que fe lhe opoferam, para a publi-
caçaõ integral dos prometidos Autos
(aliadas a um natural defcuido, que
naõ defprêfo, pela eftampa dos feus
efcritos) determinou-fe por fim, cor-
tando com mais delongas e reagindo
configo próprio, a trazê-los ifolada
e fucefsivamente a lume.

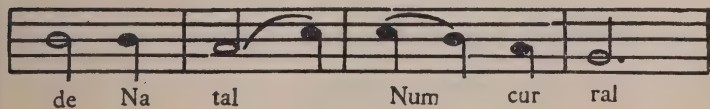
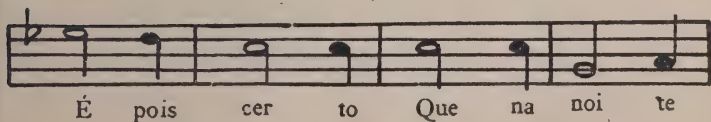
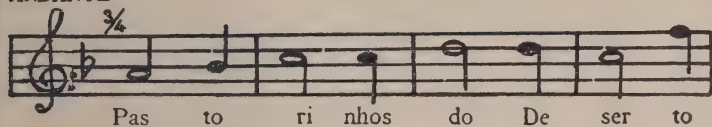
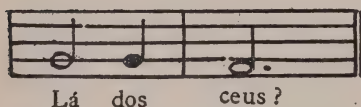
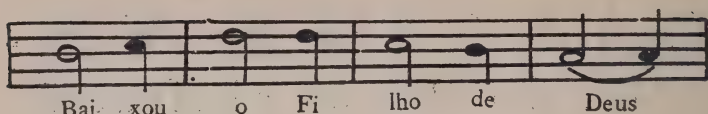
OS AVTOS DO PRESÉPIO
naõ

naõ apareceraõ pela ordem que devem guardar na série desde o princípio concertada, ordem essa que depois se estabelecerá no Indice Geral que há de dar fecho à obra; devendo também a seu tempo apensar-se-lhes um estudo, servindo de prefácio a toda a colecçaõ.

Para aí guardamos o que mais devagar nos cumpriria dizer acêrca do presente AVTO DOS PASTORES BRVTOS, que, por agora, sem mais comentos, entregamos ao acolhimento do Público.

Êle o julgará.

CAN-

CANTIGA VE-
lha do Povo, ajuſtada
ao preſente Auto,
para ſer entoada
antes da re-
preſen-
taçaõ
dêle.

Bai-

Paſtorinhos do Deſerto:
E' pois certo
Que na noite do Natal,
Num curral,
Baixou o filho de Deus
Lá dos céus ?

Quem nos deu tanta alegria ?
— Foi Maria !
E quem nos deu tanta luz ?
— Foi Jeſus !
Onde naſceu tanto bem ?
— Em Belêm !

Quem

Quem de Mãe tem primazia?
—É Maria!
Quem eſtá em palhas de feno?
—É o Pequeno!
Quem do pequeno pai é?
—É José!

Quem à graça nos conduz?
—É Jeſus!
Quem fez a terra e os céus?
—Foi ſó Deus!
Cantemos em ſeus louvores,
Ó paſtores!

& in terra pax turbatis Luſitanis.

8.—Et

8.—Et paſtores erant in regione eadem vigilantes, & cuſtodientes vigilias noctis ſuper gregem ſuum.

9.—Et ecce angelus Domini ſtetit juxta illos, & claritas Dei circumfulſit illos, & timuerunt timore magno.

10.—Et dixit illis Angelus: Nolite timere: Ecce enim evangelizo vobis gaudium magnum, quod erit omni populo:

11.—Quia natus eſt vobis hodie Salvator, qui eſt Chriſtus Dominus in Civitate David.

12.—Et hoc vobis ſignum: Invenietis infantem pannis involutum, & poſitum in praeſepio.

SÃO LUCAS, Cap. 2.º

Figu-

Figuras do Auto

UM ANJO.
ALMENO, Paſtor.
ALCEU, Paſtor.
ALBINO, Paſtor.
FRONDOSO, Paſtor.
OUTROS Paſtores & Paſtoras.
CÔRO Celeſte, q̃. ſe naõ vê.

No interior do Preſépio, a Sagrada Família, q̃. naõ fala.

AVTO DOS PAS-
tores Brutos.

No abrigo dum palheiro, nos ſubúrbios de Belém, os Paſtores dormem. Um Côro celeſte canta, inviſível; e um Anjo aparece, num raio de luz, ſôbre uma pequena cumieira.

MODE-

MODERADO
Do Va rão nas ce ra a
va ra Da va ra nas ce ra a
flor Da flor nas ce ra Ma —
ri a De Ma ri a o Re den —
— tor.
MENOS
Glo ....
.... ria

in

VELHO CÂNTICO

Do varaõ naſcera a vara,
Da vara naſcera a flor,
Da flor naſcera Maria,
De Maria o Redentor.

Gloria in excelſis Deo!

O Có-

O Côro emudece; e diz

O ANJO

Homens do agrado de Deus!
Lá da celeſte morada,
Eu vos trago eſta embaixada,
Que Deus manda aos filhos ſeus.
Humildes, do ſeu agrado,
Por vós eu deſci aqui,
Paſtores, que guardais gado
Como já guardou David!
Deſtinou Deus que primeiro
Fôſſem dar os ſeus louvores
A Jeſus, Deus verdadeiro,
Entre os ſimples, os paſtores.
E por iſſo a vós, que agora
Dormis um ſôno profundo,
Venho anunciar a hora
Em que Deus deſceu ao mundo.
Paſtor de eſtirpe Divina,

Como

Como vós, paſtor's de gados,
Guia os homens treſmalhados
E o caminho lhes enſina.

O Anjo deſaparece, e os Paſtores começam a acordar.

ALMENO, *eſtremunhado:*

Quem é que falou aqui?
Sonhava, ò foi voz qu'oivi?
Albino! . . . Frondoſo! . . . Alceu! . . .
Falaſtes, ò ſonhei eu?

ALBINO, *eſpreguiçando-ſe:*

Nanja eu, que 'ſtava a ſonhar
Qu'oivia um anjo falar.

ALCEU

Eh, Frondoſo!

FRONDOSO

Qu'é lá?

AL-

ALCEU

Anda o ſol fora?

Quem falava aqui agora?

ALBINO

Pracia um anjo do ceu.

FRONDOSO

Eſſa é bôa!

ALMENO

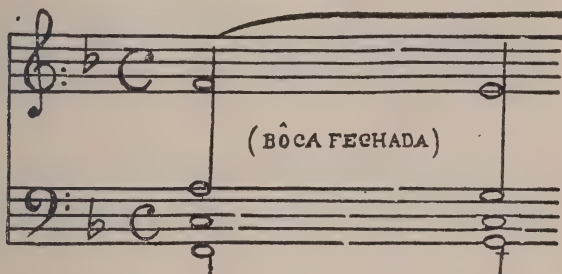
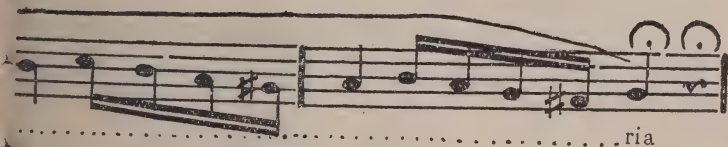
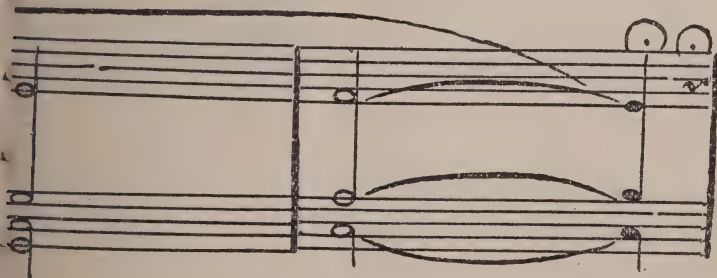
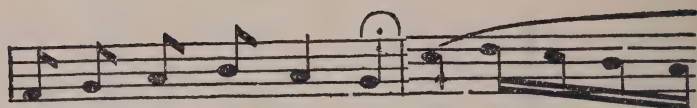
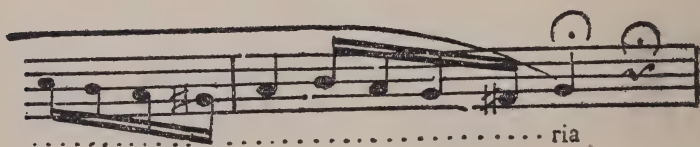
Inda os galos num cantarum.

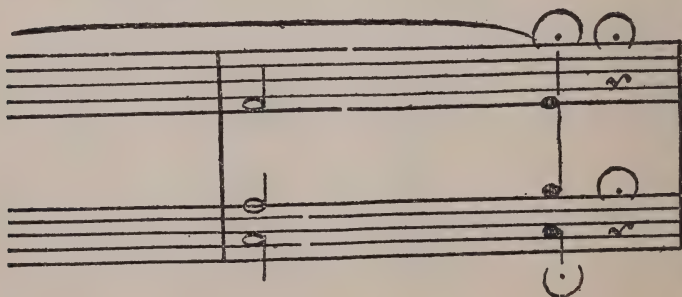
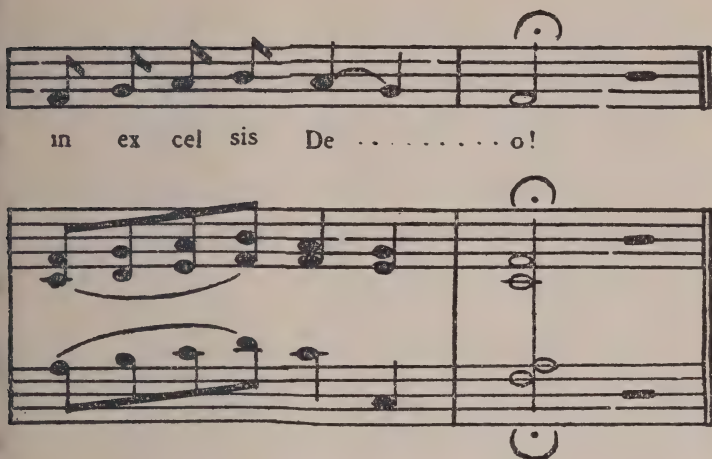
FRONDOSO

Nim as 'ſtrêlas ſe apagarum.

Torna a ouvir-ſe o Côro celeſte. Um raio de luz ilumina a cumieira, e outra vez aparece o Anjo.

VOZ

in

in ex cel sis De — o! Glo

ria

CÔRO CELESTE

Gloria in excelsis Deo!

O ANJO

Foi outro sol, que nasceu
Numa lapinha, em Belêm.
A Virgem Maria é mãe;
Gerou por graça do céu.
Sou o eleito mensageiro
Dêste mistério divino.

Jesus

Jeſus dorme, pequenino,
Nas palhas, como um cordeiro.
    Naõ tendes que arrecear-vos;
Sou o enviado do Senhor,
Que aqui me mandou chamar-vos
Por verdes o Redentor.
    Espertai, paſtor's! Segui!
Erguei-vos, que ſe faz tarde!
A Eſtrela do Paſtor arde...
O caminho é por ali...
    Deixai o ſono profundo
E ide ſaudar o Senhor.
O Preſepe é um reſplendor
Que ilumina todo o mundo!

Apaga-ſe a luz celeſte, e o Anjo deſaparece.

ALMENO

    Mas que luz!... Que maravilha,
Qu'inté cega!... Cumo brilha!!

Viſtes

Viſtes, Alceu,
Aquel' luzeiro no céu?...

ALBINO

Vi...!

ALMENO

Tu, Albino?
E tu, Frondoſo?
E o menſageiro devino
Que pracia o ſol glorioſo?!

FRONDOSO

Vocês ſonham acrodados,
Ò 'ſtaõ mas é 'ſtreloicados...

ALCEU

Vamos dromir ſocegados,
Qu'a manhẽ num tarda a vir.

ALMENO, *indignado:*

Mas quem ſ'aſtreve a dromir?!
Pois antaõ vocês num virum?

AL-

ALBINO

Iſſo é qu'eu vi!

ALMENO

E num oivirum?

ALBINO

E oivi!

Entuſiaſmando-ſe:

Eh, rapazes! Té pracia
Qu'era o cômaro qu'ardia!
E o tal anjo, ò lá qu'êle é,
Ali im riba, de pé,
As coiſas qu'êle dezia!

ALMENO

Diente daquel' dezer
Té a gente ficava mudo!

ALBINO

E a luz ò redol, a arder,
Qu'eu dezia cá pra mim:

Se

Se tu vens por'i aſſim,
Pranta-ſe o fogo a iſto tudo!

FRONDOSO

Q'al fogo nim meio fogo!

ALBINO

Pois hemos de lá ir logo,
Mal qu'amanheça!

FRONDOSO

E vou eu!

ALBINO

Vamos lá todos...

TODOS

Valeu!!

ALCEU

E a ver quem predeu lo tino!

ALBINO, *erguendo-ſe:*

Qu'eu num torne a ſer Albino,

Que

Que me caia um mau-olhado,
Que morrinha dê no gado,
S'iſto foi figuraçaõ;
S'eu m'ingano — e naõ! e naõ! —
Qu'iſto era aviſo do céu,
E qu'o Menino naceu!

O Côro celeſte entôa o meſmo cântico de Glória; e o Anjo volta a aparecer. Os Paſtores levantam-ſe, entre admirados e receoſos.

O ANJO

Homens de fé duvidoſa,
A quem a Verdade aterra,
Neſta noite ſe deſcerra
Outra luz, mais glorioſa!
Homens, que aſſim receais
A luz da graça divina,
Que eſſa cegueira ilumina
Nos voſſos olhos mortais...

Ide

Ide vêr com voſſos olhos,
E a Deus erguei voſſa prece,
Que naõ ſe enganam os olhos
Se a Verdade os eſclarece.

Ide, e vereis em Belêm,
Das gentes ſimples cercado,
Ao lado da Virgem-Mãe,
O Deus-Menino deitado.

Palácios nem companhia
Quis dos de fama orgulhoſa:
Naſceu numa eſtrebaria
De gente pobre e humildoſa.

Por mais diſcreta e calada,
Quis a noite recolhida;
Cá fora — noite gelada;
Lá dentro — noite aquecida.

Junto de uma manjedoura,
No meio dos animais,
O Menino dorme agora...
Sorriem de enlêvo os Pais.

 Paſto-

Paſtores, ſimples tambêm,
Dai-vos à ſanta vigília
De o ir ſaudar a Belêm
Mais à Sagrada Família.

Deſaparece.

ALBINO

Antão?
Inganei-me ò naõ?

ALMENO

Loivado ſeja o Pai dos céus!

ALCEU

E mai-lo Filho de Deus!

ALBINO

E mai-la Virge' Maria!

FRONDOSO

E mai-lo leite que o cria!

ALMENO

Loivada ſeja a hora

Im

Im qu'Ela o botou cá fora!

ALCEU

Mai-lo albregue que o albregou!

ALBINO

E mai-lo Anjo que o anunciou!

FRONDOSO

Loivado ſeja o Pai, loivado ſeja o Filho,
loivada ſeja a Mãe!

TODOS

Plos ſéculos dos ſéculos; amêm!

ALBINO

Bem, rapazes; a caminho!

FRONDOSO

E o gado?

ALBINO

Fica ſòzinho.
Deixa lá, que ſ'êle acorda

Num

Num le mingua o paſtar.

ALMENO

Num há lôbo que le morda.

ALBINO

Nim bruxas pró ordenhar.

ALMENO

Vá, toca a andar...

ALCEU E ALBINO

Toca a andar!

Tomam os inſtrumentos múſicos — a gaita de foles, o pifaro, o bumbo e o tambor — e preparam-ſe para partir.
Entrementes, Frondoso ſaiu numa fugida. Ouvem-ſe dentro berros no rebanho; e, d'aí a nada, Frondoso volta, erguendo ao alto um cordeirinho.

FRONDOSO

E havéramos d'ir aſſim!?

AL-

ALMENO

Bôa alembrança!

ALBINO

E é verdade!!

FRONDOSO

Ò pra nós, ò pró Menino;
Voltar é qu'êle num há de!

Põe o cordeiro à roda do peſcoço e todos ſe vaõ, cantando e tocando.
Ao longe ladram cães e ouve-ſe um galo cantar.

NO PRESEPIO

À esquerda, a Lapinha, entalhada na encosta fragosa dum cêrro, cingido por um carreiro.

Na Lapinha está a Sagrada Família, e a vaca e a mula á manjadoira; e fora, uma jumentinha, amarrada pelo cabresto de corda a uma argola do umbral. Pastores e pastoras, dentro e diante da Lapinha, entoam em côro êste velho Bemdito:

MODE-

Os Paſtores Brutos, com ſeus cantos e tangeres, veem deſcendo a encoſta, e eſtacam defronte da Lapinha.

O Côro emudeceu.

AL-

ALCEU, *agarrando Almeno, e moſtrando-lhe a Sagrada Família:*

Vês, Almeno?

ALMENO. *O meſmo a Albino.*

Vês, Albino?

FRONDOSO, *adiantando-ſe e apontando:*

Ulh', ulha! Lá 'ſtá o Menino!

ALBINO

Loivado ſeja!
Que tudo le corra cumo deſeja!

ALMENO

O Senhor ſeja loivado,
Plo que vejo e o que num vejo;
Que pra tal ſtava gòrdado
O meu deſejo!

AL-

ALCEU

Loivado ſeja o Senhor!
Loive-o a terra ò derredor!

FRONDOSO

Plo meu rebanho e cajado,
O Senhor ſeja loivado!...

ALMENO

Mai-lo Pai e mai-la Mãe,
Mai-lo Piqueno tamêm!...

ALBINO

Pela noite mai-lo dia,
Pla candeia qu'alumia,
E pla mulinha a comer,
E pla vaquinha a lember,
E plo feixinho de fêno
Adonde drome o Piqueno;
Plas eſtrêlas a luzir,
E plo ſol que ſtá pra vir,

E plos

E plos galos a cantar,
E plo que Deus nos quis dar,
Na terra e lá nas alturas,
Os Anjos e as criaturas,
Tudo cante im ſeu loivor:
— Loivado ſeja o Senhor!

TODOS, *erguendo os braços:*

Loivado ſeja o Senhor!

E logo, por entre as abertas do Povo, eſpreitam o Preſépio, curioſos e cheios de admiraçaõ. Outra vez a multidaõ entôa em côro o Bemdito.

ALBINO

Vês, Frondoſo, qu'era certo?

FRONDOSO

Cá no meu fraco intender
Parece-m'um céu aberto!

ALMENO

Que coiſa linda de ver!!

AL-

ALBINO

Que maravilha ſem par!

FRONDOSO, *gritando para o Povo que ſe apinha no portal:*

Deixai-nos cá alſervar,
Ó gentes da cantoria!

O povo arreda-ſe para os lados, deixando ver melhor o Preſépio.

ALCEU

Que linda a Virge'Maria!

ALBINO

E o Menino!...

ALMENO

E o Sam Jedé!...

FRONDOSO

E a mulinha!...

AL-

ALCEU

E a vaquinha!...

ALBINO

Parece inté
Que 'ſtaõ de joelhos, a orar,
E a beijarem-l'a palhinha!

ALMENO

Que lindeza d'admirar!!

ALBINO, *ajoelhando-ſe e estendendo os braços para a lapinha:*

Ó meu Jaſus tamanhinho,
Que pro môr de nós naceſtes,
E que 'ſtais, cum frio dêſtes,
Neſſas palhas tam nuzinho!
Tam provezinho vos vejo
Qu'eu nim ſei o que ſinti:
S'era dôr ò ſ'alegria,
Ó ver-vos dêtado aí!

FRON-

FRONDOSO, *de pé, junto de Albino, e levantando nos braços o cordeirinho, que traz paſſado ao peſcoço:*

Virge'Mãe, a voſſos pés
Dêxai que prante o meu anho,
Filho da mais nédia rez
Qu'infeita o noſſo rebanho!

Entretanto, Albino ergueu-ſe, e o Povo tem acabado de cantar.

ALCEU, *aproximando-ſe de Frondoso e batendo-lhe no ombro:*

Diz-le qu'é pla gente todos.

FRONDOSO

Pla gente todos, Senhora,
Vo-lo troivemos! Tomai-o!
Sêde a ſua guardadora!

ALMENO, *empurrando-o para o Preſépio:*
Ide lá dentro e levai-o.

FRON-

FRONDOSO

A ovelha por êl' ſe chora;
Pró voſſo Filho... Guardai-o!

Vai para entrar no Preſépio, mas o Povo detem-no:

VOZES DENTRE O POVO

Dai-lo cá...
A gente o paſſa...
Num vêm cá lobos agora...

FRONDOSO

Tomai-lo lá, mas a modos!

E entrega o cordeiro. Depois, mais alto para a Virgem:

Aí lo tendes, Senhora!

De maõ em maõ, entre os braços alçados do Povo, o cordeiro, aos berros, é levado para o interior da lapinha.

AL-

ALBINO

E agora folgar, paſtores,
Que num há noite cum'a eſta.
Já le dêmos os loivores,
Vamos fazer-l'uma feſta.

TODOS

Valeu!
Valeu!
Venha a feſta!

ALMENO

Vá lá! Que todos bailemos;
E há de ſer à noſſa moda:
Dancemos todos de roda,
Cumo n'aldeia fazemos.
Alceu baila mai-lo Albino;
Frondoſo comigo. Aſſim...
Aqui, im frente ò Menino...
Acertem todos pro mim!

Dispõem-ſe todos conforme Almeno lhes indica.

TO-

TODOS

É começar!

FRONDOSO

O Almeno impeça a cantar!

Todos dançam de roda, tocando e cantando; e cada um dos Paſtores curva-ſe numa larga meſura ao paſſar diante da Sagrada Família.

coi-

CANTIGA VELHA

(Almeno canta o primeiro verſo e depois continuam todos o reſto da cantiga)

« Ó meu Menino Jaſus,
Da Lapa do coraçaõ,
Dai-me vós alguma coiſa,
Que 'ſtá prove o meu ſurraõ.
Ó meu Menino Jaſus,
Eu hê de vos cá vir dare
Uma linda pomba branca,
Qu'é pra convoſco brincare.
Chiguei aqui a Bulêm

E ve-

E venho munto cançado;
Hê de trazer um cabrito
Ó meu Menino adorado.
Ó meu Menino da Lapa,
Da Lapa do coraçaõ,
Dai-me vós alguma coiſa,
Qu'a minha Mãe num tem paõ.»

Acaba-ſe a dança.

ALMENO

Pronto, rapazes! E agora
Que mais nos reſta?
Num pode ficar pro qui
O gôſto da noſſa feſta.

FRONDOSO

A ver quem tem uma ideia?
Vá, Albino!... Tu, Alceu...?

ALBINO

Qu'a gente ſiga bailando.

FRON-

FRONDOSO

Salta-t'a perna?

ALCEU

Tive eu!

Um de nós faz as prèguntas,
Os oitros responde' ó ponto;
Todo o que falar mais tarde
Fica contado pro tonto.

FRONDOSO

Valeu!

ALBINO & ALMENO

Valeu!!

Arrumam no chaõ os inſtrumentos múſicos; a ſeguir fazem um círculo e pregunta cada um por ſua vez.

ALCEU

Quem nos deu tanta alegria?

TO-

TODOS

Foi Maria!

ALCEU

E quem nos deu tanta luz?

TODOS

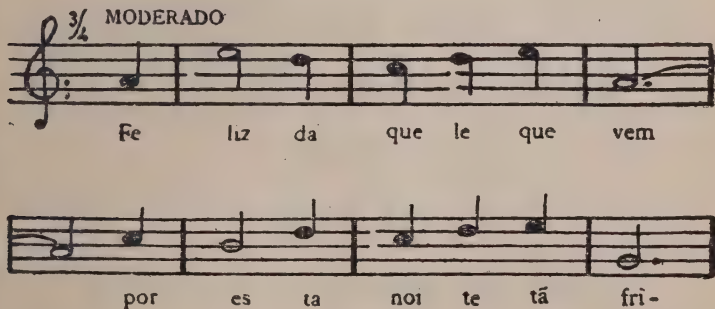
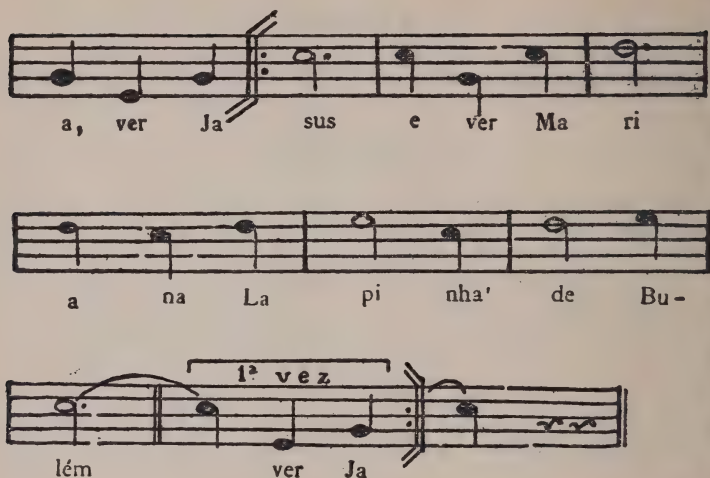
Foi Jaſus!

ALCEU

Onde naceu tanto bem?

TODOS

Im Bulêm!

Alceu dá um ſalto volteado; e logo todos quatro giram de roda, cantando e dançando.

CANTIGA

Feliz daquele que vem,
Por eſta noite tam fria,
Ver Jaſus e ver Maria
Na lapinha de Bulêm.

Param.

ALBINO

Quem de Mãe tem primazia?

TO-

TODOS

É Maria!

ALBINO

Quem 'ſtá im palhas de feno?

TODOS

É o Piqueno!

ALBINO

Quem do Piqueno pai é?

TODOS

É Jedé!

Albino bate as palmas, ſaltando, e todos quatro giram em roda, a dançar e a cantar.

CANTIGA

(com a mesma múſica)

Feliz de quem pode vire
Ver o Menino a dromire,

Mai-

Mai-lo Pai e mai-la Mãe
Na lapinha de Bulêm.

Param.

ALMENO

Quem à graça nos conduz?

TODOS

É Jaſus!

ALMENO

Quem fez a terra e os céus?

TODOS

Foi Deus!

ALMENO

Quem cantou os ſeus loivores?

ALCEU & ALBINO

Os paſtores!

FRONDOSO, *fora de tempo:*

Os paſtores!

Riſadas e chufas dos outros.

AL-

ALCEU

Foi Frondoſo qu' errou!

TODOS, *menos Frondoſo*

Foi Frondoſo que errou!

Continuam as chufas e as zombarias.

OS MESMOS, *no meio de grandes algazarras e ſurriadas:*

Tonto ficou! Tonto ficou!!

FRONDOSO

Ò tonto, ò num tonto,
Cá m'hê de governar.
Sou cumo Deus me fez,
Num tenho que me queixar.

Continuam as troças, e depois daõ mais uma volta de dança, cantando como atrás. Outros Paſtores e Paſtoras, que aos poucos vem chegando da lapinha, tomam parte nas vaias e riſadas.

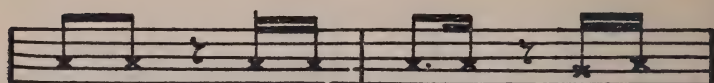
CAN-

CANTIGA

Grandes goſtos ſaõ-n-os meus,
E é minha a ſaſtifaçaõ,
Que trago o Menino-Deus
Na Lapa do coraçaõ!

Param.

ALBINO, *aos pulos, eʃtalando com os dêdos*:

Cantigas cá do toitiço,
Cum pé de dança pulada,
Batidinho, 'ſtaladinho,
Pra cantar à deſgarrada!

FRONDOSO

Vá, cantar à deſgarrada!

Começam a andar de roda, batendo as palmas e cantando, cada um por ʃua vez.

(MO-

(MODERADO) DECLAMADO
VOZ
Can ti gas cá do toi
PIANO

ti ço, cum pé de dan ça pu

lada,

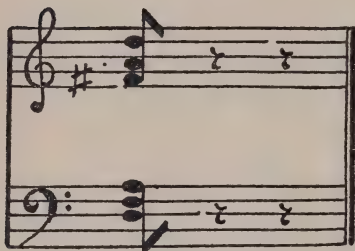
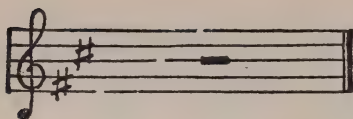
rada.

rada!

pões

pões can - - - - - te mos á
ni no mai la' su a - - - - -

1ª vez
Ao
def gar ra da ra da
- - - - Mãe Sa gra da. gra da.
Ao

CAN-

CANTIGA VELHA

á desgarrada

Alb. « Olé, rapazes pimpoẽs!
Cantemos á deſgarrada,
Pr'alegrar o Deus-Menino,
Mai-l'à ſua Mãe ſagrada!

Fron. Mai-l'à ſua Mãe ſagrada,
Acabaſtes de cantare;
Agora caibe m'a vez,
Qu'atrás num hê de ficare!

Alm.

Alm. Qu'atrás naõ hê de ficare;
Bonda; qu'eu canto tamém;
Fazia triſte figura
Junto à Lapa de Bulém.

Alc. Junto à Lapa de Bulém
Grande alegria tivemos,
Vamos lá prá noſſa terra
Gabar-nos do que fazémos.

TODOS

Vamos lá prá noſſa terra
Gabar-nos do que fazémos!

Param.

ALBINO

E agora vamos à vida;
Num tarda o dia a arraiar.

ALMENO

Num ſe faz a deſpedida?

AL-

ALBINO, *ajoelhando-ſe de maõs poſtas, na frente do Preſépio:*

Eu me vou, ó meu Menino;
Dai-m'uma ditoſa ſorte:
Qu'eu tenha ò voſſo ſerviço
Boa vida e milhor morte.

Levanta-ſe.

ALMENO, *ajoelhando-ſe tambêm:*

Eu num vos peço, Senhor,
Mais do qu'aquilo que tenho:
Dai-me colheita qu'abonde,
Fazei medrar-me o rebanho.

Levanta-ſe.

ALCEU *ajoelha-ſe.*

Aqui m'eſpeço de vós,
E dôi-me ò voſſo mandado.
Nim maleitas dê na gente,
Nim gafeira caia ò gado.

Levan-

Levanta-ſe, e por ſua vez ajoelha-ſe Frondoſo defronte da Lapinha.

FRONDOSO

Do Pai, da Mãe, do Menino,
De todos três eu m'eſpeço;
Só quero que todos três
Me dêem tudo o qu'eu peço.

Levanta-ſe também.

Em ſeguida todos quatro apanham do chaõ os inſtrumentos e fazem as últimas vénias, com raſgadas meſuras, á Sagrada Família.

A multidaõ começa a debandar.

Os Paſtores Brutos ſaem, depois de darem uma volta diante da Lapinha; e um magote de Povo ſegue atrás dêles, a cantar, acompanhando o gaiteiro pelo caminho da encoſta.

CAN-

CANTIGA PARA
acompanhar o gaiteiro

Mirandum, dum-dum, Mirandum;
Mirandum, dum-dum, Mirandela.
Meninas bonitas
Côrram à janela!...
Mirandum, Mirandum, Mirandum;
Mirandum, Mirandum, Mirandela!

Mirandum, dum-dum, Mirandum;
Mirandum, dum-dum, Mirandela.
Gente do gaiteiro
Naõ há como ela...
Mirandum, Mirandum, Mirandum;
Mirandum, Mirandum, Mirandela.
Mirandum, Mirandum, dum-dum!
Mirandum, Mirandum, dum-dela!

E aſſim ſe vão todos; e fenece o Auto.

N Ó T U L A S

Págg. 52 e segg.

NESTES folguedos dos PASTORES BRUTOS, repete-ſe, em forma de jôgo ou deſafio ingénuo de preguntas e reſpoſtas, a velha cantiga do Povo, q̃. pus no roſto do AVTO, para ſe cantar em côro, à laia de abertura da repreſentaçaõ.

Eſta maneira de queſtionário, q̃. já fôra uſada na ſcena de Gil Vicente

«Quem é a deſpoſada?
A Virgem Sagrada.»
. . . .

perdurou nos Vilancicos, q̃. tanta voga tiveram nos séculos XVII e XVIII.

No copioſo Parnaſo de Soror Violante do Céu encontram-ſe modêlos dêſte género, mas ſob os pretencioſos atavios com q̃. a moda enroupava os conceitos ſem ideias, e onde toda a graça eſpontãnea, com tais adornos, ſe deſfigurava.

Na repreſentaçaõ do preſente AVTO — porque eu vejo-o repreſentado diante dos meus

olhos

olhos —, para quebrar a monotonia do queſtionário e pôr mais movimento e mais alegria na feſta, rematei a ſérie de preguntas e reſpoſtas, feitas por cada paſtor, com uma quadra cantada em uma dança de roda.

Naõ me diminuia ſe confeſſaſſe q̃. havia ſeguido qualquer modêlo — porque louvável é ſaber eſcolhê-los e ſegui-los — mas certo é — e friſo-o apenas pela coincidência — q̃. ſó depois de eſcrita e por êſte modo marcada a ſcena, eu reparei q̃. já na referida cantiga de Gil Vicente as preguntas e reſpoſtas eram identicamente entrecortadas.

Eſta coincidência vem afinal confirmar q̃. aſſim é q̃. deve ſer: q̃. está bem.

Recentemente, num eſtudo do Snr. Dr. Mendes dos Remédios acêrca duma colecçaõ de Vilancicos, da Biblioteca da Univerſidade de Coimbra, anotei mais êſte ſemelhável paradigma de cantiga dialogada:

Como achaſtes o Menino?
Benino.

He

He ſeu carinho amoroſo?
Piedoſo.
He nos extremos conſtante?
Amante.

Todos:

Por fineza relevante
Noſſa esperança ſe alenta,
Pois Deus naſcido ſe oſtenta
Benino, piedoſo, amante.

e aſſim ſuceſſivamente, repetindo-ſe no último verſo de cada quadra, q̃. remata as reſpectivas eſtrofes em diálogo, os mencionados atributos do Menino, e tudo mais a q̃. ſe referem as reſpoſtas anteriores.

Os exemplos abundam neſta eſpécie; deſſe-me eu á tarefa de os reſpigar! Encontram-ſe cá e em Eſpanha, e remontam a longa data.

Ocorre-me q̃. no ſéculo XVI, o ſolitário Capuchinho da Arrábida, Frei Agoſtinho da Cruz, com êſte meſmo artificioſo lavor, de tal guiſa moralizava:

Que

Que mal naõ queres ſentir?
Ouvir.
E que virtude eſcolher?
Sofrer.
E que bem folgas guardar?
Calar.

Logo te podes gabar
Vencer o maior perigo
Quando acabares contigo
Ouvir, sofrer, e calar.

E aſſim nos outros *ecos*, conforme tais compoſições ſe chamavam.

O q̃. eu pretendi, foi marcar o cunho, tornado já tradicional, deſta forma de queſtionário, como de facto ela é tradicional também nos jogos do Povo rúſtico.

QUEM entre nós defconhece as *cantigas à defgarrada* ou *cantigas ao defafio?*

Quem por ventura as naõ ouviu ainda, a uma porta enramada de loiro, ou num círculo de curiofos, nas feftas da noffa aldeia?

Nas folias de camponefes, quando dois ou mais cantadores fe reünem à volta dum harmónio ou de outro qualquer inftrumento q̃. lhes puxe pela garganta, um dêles deita uma quadra cantada de improvifo, e o repto é affim lançado à perícia dos mais cantadores.

O último verfo da quadra é a *deixa*, em que o outro cantador pega, para começar por ela a fua cantiga.

E defta forma, as trovas fucedem-fe numa fiada, ligadas pelo último verfo de cada uma, tornado o primeiro da imediata.

A quadra tem q̃. fair efpontânea das goelas cantadeiras; e o poeta repentifta, para a

idear

idear e compôr, diſpõe apenas do compaſſo e do tempo da cantiga.

Na velha múſica do Povo, q̃. juntamos ao noſſo texto, a repetiçaõ cantada de cada verſo indica, por aſſim dizer, um artifício do cantador, para demorar mais o tempo do improviſo.

Entre o noſſo Povo humilde, deſconhecedor da regra-do-A, encontram-ſe verſejadores de nomeada, capazes de deſbancar poetas do Capitólio, ſe acaſo êles ſe abalançaſſem a enfrentá-los nalguma viſtoſa romaria.

Pág.

NA cantiga q̃. procurei ajuſtar à múſica do gaiteiro, no final do AVTO, adoptei o conhecido neuma do noſſo velho romance mirandês

Mirandum, Mirandum, Mirandela

correſpondente ao

Mironton, Mironton, Mirontaine

da cançaõ francêſa de Malbrugue, e ao

Virondon, Virondon, Virondeta

do romanceiro catalaõ.

Entre nós, o romance adapta-ſe á maravilha a um epiſódio da guerra do Mirandum, heroicamente ſuſtentada às portas de Miranda do Douro contra os exércitos coligados eſpanhol e francês, em 1762.

Foi o caſo da morte dum oficial português a quem chamavam o *Capitão da guerra do Mirandum,* e de q̃. ſua mulher teve notícia pelo romance aluſivo q̃. o Povo, pranteando, cantava.

Numa

Numa outra poeſia ſatírica do ſéc. XVIII deparou-ſe-me tambêm o ſeguinte eſtribilho ſimilar :

Com ſeu merlintom, merlintom, merlintena,
Com ſeu merlintom,
Terentena.

Releve-ſe-me eſta breve divagaçaõ, ſem pretençaõ erudita, em volta do popularizado eſtribilho, q̃. eu aqui fiz reſſoar no tambor e no bombo do noſſo gaiteiro.

NO

NO tablado, consumado o AVTO, e antes que o Público se retire, corre-me a gostosa obrigaçaõ de, perante êle, agradecer ao meu querido amigo Pedro Fernandes Tomás, probo e carinhoso pesquizador das nossas tradições, e ao Maestro André da Silva, a cujo saber e bom critério recorri, a colaboraçaõ musical que se dignaram prestar-me, na feitura do meu trabalho, e para melhor ornamento dêle.

JOAÕ CARLOS ABRIU EM madeira as estampas dêste livro.

Acabou
de imprimir-ſe
êſte AVTO DOS PASTO-
RES BRUTOS, nas Oficinas
Gráficas da Biblioteca Nacional da
cidade de Liſboa, para Aillaud & Ber-
trand, Editores, aos catorze dias
do mês de Dezembro do
ano de mil nove-
centos & vinte
& ſeis.

A P R E C I A Ç A Õ

« . . . du poète J. M. de Sant Iago, l'*Avto dos Pastores Brutos* dans le goût de Gil Vicente, pure merveille d'adaptation traditionniste ».

PHILÉAS LEBESGUE.

MERCURE DE FRANCE, de 1 Abril 1922.

DO AVTOR

PRIMEIROS VERSOS.

DOZE CANÇÕES D'AMOR — DO «LIVRO DO AMOR E DA NATUREZA».

ENTRE A FOLHAGEM.

AVTO DOS PASTORES BRVTOS.

A entrar no prelo:

URIEL DA COSTA.

NA VOLTA DO MAR.

AO REBENTAR DAS SEIVAS.

CANTIGAS DO VERDE MAIO.

Da colecção «Avtos do Presépio» *serão publicados a seguir:*

AVTO DA PASTORA PERDIDA.

AVTO CHAMADO O FESTEJO DO SOL.

AVTO DAS BRUXAS.

E OS OUTROS SUCESSIVAMENTE.

Da colecçaõ AVTOS DO PRESÉPIO ſeraõ publiçados a ſeguir: Avto da Paſtora Perdida, Auto chamado o Feſtejo do Sol, Auto das Bruxas *& os outros*

* * * *ſuceſſivamente* * * *